

PROJETO ARQUEOLÓGICO ALTO CANOAS - PARACA: UM ESTUDO DA PRESENÇA JÊ NO PLANALTO CATARINENSE

ANA CAROLINA SPRENGER VALUS¹; RAFAEL CORTELETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – anasprenger499@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rafacorteletti@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nos anos de 2016 e 2017 foram realizadas escavações arqueológicas no sítio Bonin em Urubici Santa Catarina, no âmbito do projeto binacional “*Paisagens Jê do Sul do Brasil: Ecologia, História e Poder numa paisagem transicional durante o Holoceno tardio*” financiado pela FAPESP (processo nº 12/51328-3) e pela britânica AHRC-UK (processo nº AH/K004212/1). Os estudos desenvolvidos por esse projeto de pesquisa no sul de Santa Catarina têm por objetivo compreender a história de longa duração da interação dos povos Jê do Sul com os diferentes ecossistemas da região, desde a costa atlântica, passando pela encosta da serra coberta com mata atlântica, subindo o planalto com campo e araucárias, e chegando até a região florestada da confluência dos rios Pelotas e Canoas. Na região do Alto Rio Canoas, especificamente, a pesquisa, em curso desde 2009, constatou que o adensamento e a diversidade de sítios reflete um processo de longa duração – que avança por um período de pelo menos 2000 anos de história (CORTELETTI, 2012).

O sítio Bonin está localizado na cidade de Urubici – SC, na propriedade de João Bonin, situado a 280m da margem esquerda do Rio Canoas. Pesquisas na cidade de Urubici vem sendo realizadas há um século, tendo início em 1913, por Jorge C. Bleyer que buscava vestígios da presença humana na cidade (Corteletti, 2012). Muitos pesquisadores vieram posteriormente com o mesmo intuito, de encontrar e entender os vestígios da região (J.H. Padberg-Drenkpol 1933; Walter F. Piazza 1966; João A. Rohr 1971-1984). As pesquisas específicas no sítio Bonin começaram por Rohr em 1971, que havia visitado o local e coletado fragmentos cerâmicos (Corteletti, 2010).

Este trabalho tem como objetivo catalogar e realizar uma análise tecnopológica da coleção cerâmica coletada nas escavações dos anos de 2016 e 2017 no sítio Bonin. A análise do material cerâmico em questão objetiva averiguar e compreender mudanças técnicas na confecção de cerâmicas, tais como: aquisição da argila, preparação da pasta, técnicas de confecção, acabamento de superfície e queima. Outro objetivo é relacionar os diferentes grafismos encontrados na decoração plásticas dos fragmentos cerâmicos com as diferentes metades clônicas da sociedade Jê do Sul.

2. METODOLOGIA

O projeto teve início com uma revisão bibliográfica de estudos sobre cerâmicas Jê, desde a manufatura até a decoração plástica, utilizamos como referência a produção sobre cerâmica Itararé-Taquara do autor Jonas Gregorio de Souza (2009); também o estudo sobre cerâmica Jê de Fabiola Andrea Silva (1999), focado nas etnias Xokleng e Kaingang. Também serviu como base bibliográfica a tese de doutorado de

Rafael Corteletti (2012) que, entre as investigações realizadas, produziu um estudo específico sobre o sítio Bonin. Sobre decorações plásticas de cerâmicas Jê, podemos citar a autora Lilian Panachuk, que tem sua pesquisa voltada para as técnicas gestuais na produção da cerâmica Tupiguarani e Jê (2007) e o autor Sergio Baptista Silva, que realizou seu doutorado voltado para os grafismos Kaingang (2001).

Num momento seguinte, foi realizada a sistematização dos dados das fichas produzidas em campo nas escavações de 2016 e 2017 no sítio Bonin. Assim sendo, foram digitalizadas as fichas e seus dados foram planilhados no programa Excel, com fim de mapear o material arqueológico dentro do sítio e das quadrículas escavadas.

Posteriormente, a análise do material começou pela numeração das peças, seguindo o protocolo estabelecido pelo GRUPEP- UNISUL (instituição responsável pela salvaguarda definitiva dessas coleções). Depois do material catalogado, partimos para a análise tecno-tipológica. Dentro dessa análise, foram descritos e classificados os dados tecnológicos: tipo de material anti-plástico colocado na massa para a confecção do pote cerâmico, frequência do anti-plástico, tamanho do anti-plástico, técnica de construção, queima, tratamento da superfície, instrumento utilizado no tratamento da superfície, marcas de uso, marcas pós-deposicionais. Neste sentido, também descrevemos e classificamos dados sobre a decoração plástica. Para realizar a análise, utilizamos como base bibliográfica o manual “Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica” do autor Igor Chmyz (1976), no qual apresenta os termos técnicos para uma análise cerâmica, juntamente com o artigo “As cerâmicas dos Jê do Sul do Brasil e seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia kaingang e xokleng” Fabiana Silva (1999), onde a autora fez um levantamento histórico das características da produção cerâmica Xokleng e Kaingang. Outro texto utilizado foi “Tecnologia Cerâmica dos Caingang Paulista” de Tom O. Miller Jr (1978), o autor acompanhou e descreveu a produção da cerâmica indígena Kaingang. Os dados gerados por essa caracterização foram sistematizados em uma planilha do Excel. Consequentemente, a partir dessa sistematização, podemos gerar gráficos e tabelas que nos auxiliaram para identificar padrões uniformes e variáveis, dando melhor visibilidade para os resultados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cerâmica analisada até este momento foi recuperada na parte norte do sítio, proveniente da Estrutura 22, trincheira 1, sendo que, dentro desse limite, foram contabilizados 677 fragmentos de cerâmica e bolotas de argila.

Partindo para os resultados da análise, percebemos uma uniformidade por grande parte do material cerâmico na composição do anti-plástico, sendo 88% do material composto por mineral e hematita, 10% apenas mineral. A granulometria é fina e a pasta bem homogênea.

Em relação a técnica de fabricação, percebemos uma variedade, alguns fragmentos apresentam marcas que lembram tiras de roletes, outros pela sua quebra apresentam características de modelagem. Sobre a queima, 79,4% do material possui seção transversal sem presença de núcleos, com cor uniforme variando do cinza claro ao pardo, 14,3% possui seção transversal sem presença de núcleos, com cor uniforme variando do laranja tijolo ao amarelo e 1% seção transversal com presença de núcleo central escuro e uma camada interna e externa clara. Sobre o tratamento de superfície, grande parte do material possui alisamento, tanto externo quanto interno, alguns apresentam um aspecto brunido, brilhoso e liso. Percebemos que em relação

a decoração plástica, apenas 33 fragmentos são decorados, ou seja, 4,87% da coleção. A partir desses dados, comparando com estudos já feitos na região (CORTELETTI, 2012; ROHR, 1971; ROHR, 1972) vemos um que há um padrão nas técnicas de manufatura e decoração. As análises cerâmicas de Corteletti (2012) geraram dados muito semelhantes aos agora gerados. Também conseguimos remontar dois potes cerâmicos, um com média de 3L e outro com aproximadamente 10L.

Em relação a uma das perguntas desta etapa do projeto em relacionar a decoração plástica com as metades clônicas Jê, foram realizadas pesquisas bibliográficas especificamente sobre esse tema e feito um catálogo sobre os grafismos, tendo como base a tese do Sérgio Baptista Silva “Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais” (2001), com finalidade de comparar com a decoração plástica encontrada nas cerâmicas do sítio estudado. Porém, ainda é preciso fazer análise com as cerâmicas de outras quadriculas escavadas a fim de sistematizar mais dados e obter resultados mais acurado.

4. CONCLUSÕES

Os povos indígenas possuem uma diversidade cultural complexa, a diversidade da cultura material é vasta, tanto no sentido tecnológico quanto nas decorações múltiplas das cerâmicas.

O estudo sobre as cerâmicas Jê pretende não apenas entender a sua funcionalidade, mas também fazer um entendimento maior do território e da paisagem, dando agencia para as escolhas dos povos indígenas que habitavam a região, que vão além de funcionalidade e/ou sobrevivência.

Dessa forma, ao pensar sobre a história indígena e sua cultura material, podemos ver as variedades culturais existentes, entender que a cultura sempre está em movimento, mudando e se adaptando, mas não necessariamente criando rupturas. O estudo dessa cultura material em específico, nos proporciona um maior entendimento dessas populações, a forma que elas interagem com o meio ambiente e com outras culturas, podendo não apenas identificar especificidades de um determinado grupo, mas também identificar trocas interculturais entre esses indivíduos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHMYZ, Igor. Terminologia Arqueologica Brasileira para a Cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**. Paranaguá, ano 1, nº 1, p.119-148, 1976.

CORTELETTI, R. Atividades de campo e contextualização do Projeto Arqueológico Alto Canoas – PARACA; Um Estudo da Presença Proto-Jê no Planalto Catarinense. 2010. **Cadernos do LEPAARQ** – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio, V. VII, nº13/14. Pelotas, RS: Editora da UFPEL, 2010.

CORTELETTI, R. Projeto Arqueológico Alto Canoas- PARACA: Um estudo da Presença Jê no Planalto Catarinense. 2012. 323f. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2012

GREGORIO, J. S. A Cerâmica Itararé-taquara (RS/SC/PR) e a Difusão das Linguas Jê Meridionais: uma reanálise de dados. 2009. 61f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ROHR, J. A. 1971. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense, Brasil. Pesquisas, Antropologia, 24, São Leopoldo, IAP- UNISINOS

MILLER, T. O. Jr. Tecnologia Cerâmica dos Caingang Paulista. Curitiba. **Arquivos do Museu Paranaense**, Nova Serie Etnologia, nº2, 1978.

PANACHUK, L. O Produzir Cerâmico Tupiguarani e Jê: As técnicas, os gestos e as escolhas sociais pretéritas. In: **SAB**, Florianópolis, 2007

ROHR, J. A. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense, Brasil. Pesquisas Antropologia, 24, São Leopoldo, IAP- UNISINOS, 1971

ROHR, J. A. As casas subterrâneas e sua cultura material. **Resumos a XXIV Reunião Anual da SBPC**. p. 481-482, 1972

SILVA, B. S. Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais. Universidade de São Paulo, 2001

SILVA, F. A. As cerâmicas dos Jê do Sul do Brasil e seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia kaingang e xokleng. **Rev. do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.23, n.30, p. 57 - 73, jul./dez. 1999